

## FOLHETIM

São do sr. Carlos Fradique Mendes - um verdadeiro poeta, que por ora só conhecem os seus amigos íntimos - as seguintes poesias.

Habitando Paris durante muitos anos, conheceu o sr. Fradique Mendes pessoalmente a Carlos Baudelaire, Leconte de Lisle, Banville e a todos os poetas da nova geração francesa. O seu espírito, em parte cultivado por esta escola, È entre nós o representante dos *satanistas* do Norte, de Coppert, Van Hole, Kitziz, e principalmente de Ulurus, o fantástico autor das *Auroras do Mal*.

O sr. Fradique Mendes tem hoje completas três grandes colecções de poesias que, pela unidade, pela dominação duma ideia geral, e ainda pela intimidade de forma, constituem três vastas epopeias. A primeira colecção, de versos amorosos, de pequenos romances, tem por título: *A Guitarra de Satã*. A segunda, poesias filosóficas, denomina-se: *Boleros de Pã*. A terceira, série de poesias históricas e fantasias dramáticas, chama-se: *Ideais Selvagens*. Avultam entre as de maior valia “A Morte de S. Jerónimo”, “Os Beijos no Calvário” e o “Testamento do Abutre”.

Contamos poder brevemente publicar um fragmento denominado: “Para as Andorinhas Lerem”, e um outro: “Alma, Lama”.

Esta tendência do exuberante *subjectivismo* artístico que pela quebra das derradeiras peias do formulismo e da tradição clássica se espraia libérrimo até à licença, espontâneo e pessoal, até ao individualismo exagerado, para o que concorre especialmente o caótico da concepção filosófica, social e estética dos tempos modernos - tempos de laboração e de anarquia, de emancipação e transição, esta tendência profundamente pessoal e originalmente romântica - dizemos-, que chamam poesia satânica, quase não tem tido em Portugal representantes ou prosélitos ou apóstolos, quase não teve eco na alma das sociedades peninsulares, onde tanto se arreigou a fé romana, e que por tanto tempo andou atrofiada sob o duplo despotismo civil e religioso, dirigido, alimentado e explorado pelo monarquismo.

Por mais de um motivo são pois curiosas as poesias que hoje publicamos.

## SONETO

A cruz dizia à terra onde assentava,  
Ao val florido, ao monte nu e mudo:  
“- Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo  
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava,  
Que fazes tu d.e grande e bom contudo?  
Resignada, és só lodo, informe e rudo;  
Revolta, és só fogo e hórrida lava ...

Mas a mim não há alta e livre serra  
Que me possa igualar! Amor, firmeza,  
Sou eu só -sou a paz ... tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz! tu és tristeza,  
Ó lodo escuro e vil!...” Porém a terra  
Respondeu: - “Cruz, eu sou a Natureza!”

[Antero de Quental]

## SERENATA DE SATÃ ÀS ESTRELAS

### I

Nas noites triviais e desoladas,  
Como vos quero, místicas estrelas! ...  
Lúcidas, antigas camaradas...  
Gotas de luz, no frio ar nevadas,  
Pudesse a minha boca inda bebê-las!

### II

Nem vos conheço já. Por onde eu ando!..  
Sois vós místicos pregos duma cruz,  
Que Cristo estais no céu crucificando?...  
Quem triste pelo ar vos foi soltando  
Profundos, soluçantes ais de luz!

### III

Oh! viagens nas nuvens desmanchadas!...  
Doces series do céu entre as estrelas! ...  
Hoje só ais, ou lágrimas caladas ...  
Ai! sementes de luz, mal semeadas,  
Ave do céu, pudesse eu ir comê-las!

### IV

Triste, triste loucura, ó flores da cruz,  
Quando eu vos dizia soluçando:  
Afastai-vos ele mim, cardos de luz!...  
Pudesse eu ter agora os pés bem nus,  
Inda por entre vós i-los rasgando!...

### V

Hoje estou velho e só e corcovado.  
Causa-me espanto a sombra duma estola;  
Enche-me o peito um tédio desolado:  
E corro o mundo todo, esfomeado,  
Aos abutres do céu pedindo esmola.

### VI

Eu sou Satã o triste, o derrubado!  
Mas vós, estrelas, sois o musgo velho  
Das paredes do céu desabitado,  
E a poeira que se ergue ao ar calado,  
Quando eu bato c'o pé no Evangelho!

### VII

O céu é cemitério trivial:  
Vós sois o pó dos deuses sepultados!  
Deuses, magros esboços do ideal!  
Só com rasgar-se a folha dum missal,  
Vós caís mortos, hirtos, gangrenados.

### VIII

Eu sou expulso, roto, escarnecido,  
Mas a vós já ninguém vos quer as leis.  
Ó velho Deus! ó Cristo dolorido!  
Lembraí-vos que sois pó enegrecido,  
E cedo em negro pó vos torreareis.

[Eça de Queirós]

## A VELHINHA

### I

Eu gosto pelas ruas da cidade,  
De ver uma velhinha corcovada,  
Cheia de rugas, cheia de saudade,  
Invejosa, mirando a mocidade,  
Que passa, crente, alegre, e descuidada.

### II

Acho que tem beleza e poesia  
Esse invejar saudoso do passado,  
E na cara da velha, que se ria,  
Vé-se, coitada! só melancolia,  
Saudades sepulcrais do seu noivado.

### III

Pára sozinha, às vezes, numa esquina  
Olhando para o chão como espantada;  
E a pobre, e vã cabeça, que se inclina,  
Busca na terra alguma luz divina,  
Que se esvaiu desfeita e apagada.

### IV

Outras vezes sorrindo d'ironia,  
P-ra mirando uma mulher formosa,  
Que vai vivendo das visies que cria,  
E pie felicidade e poesia,  
Onde a velha só vê desgraça e prosa.

### V

Na velhinha enrugada a espaços vejo  
Que há nos olhos volúpia lembrada!  
Corda quebrada a dar último arpejo!  
Ei-la olha as primaveras com desejo  
E caminha tremendo, e corcovada.

[Jaime Batalha Reis]

## FRAGMENTO DA GUITARRA DE SATÃ

### IX

Estranha aparição,  
Que em minhas noites vejo ...  
Ó filha do Desejo!  
Filha da Solidão!

Não sei qual é teu nome,  
E donde vens, ignoro.  
Só sei que tremo e chora  
Como de frio e fome;

Que por unir ao peito  
A tua imagem, viva,  
E ter-te, convulsiva,  
No meu ardente leito;

Que por fundir contigo  
Suspiros, ais, rugidos,  
Dera ideais queridos,  
Deuses, e fé que sigo!

Sim! dera as profecias  
Dos cultos salvadores, ,  
E os Gólgotas, e as dores,  
E as Bíblias dos Messias!

Por ti minha alma clama ...  
Corre a meus braços, breve!  
Sejas de fogo ou neve ...  
Sejas cristal ou lama ...

Se és Beatriz sou Dante,  
Sou santo se és divina ...  
Se és Lais ou Messalina,  
Sou Nero, ó minha amante!

[Antero de Quental]

## POEMAS DO MACADAM

Por especial obséquio do autor, publicamos algumas poesias do nosso amigo e originalíssimo poeta Carlos Fradique Mendes, as quais fazem parte da coleção que, sob o título expressivo de *Poemas do Macadam*, ver brevemente a luz da publicidade. O sr. Mendes é um dos poetas mais bem dotados da nova geração.

Como amigo e como crítico, aprez-nos confessar isto. Mas, feita esta reserva sobre as qualidades puramente estéticas do nosso amigo, a sua originalidade de estilo, facilidade de ritmo, colorido de frase, e aquele *não-sei-quê* que caracteriza o verdadeiro talento *né artiste*, feitas estas reservas, a nossa consciência manda-nos em nome de alguma cousa, superior à simples estética, iem nome do *ideal na arte*, que é a sua lei suprema, protestar amigavelmente, mas energicamente, contra a ideia mãe da sua poesia, o fundo mesmo de sentimento sobre que assenta a sua inspiração.

O sr. Mendes pertence a uma grande escola, que por toda a Europa veio substituir em parte, e em parte opor-se à escola romântica. Sabemos que essa escola tem uma estética sua, uma poética, tudo enfim quanto caracteriza um verdadeiro *movimento*, no mundo do espírito, e conta à sua frente chefes do maior talento, dos mais variados recursos. Baudelaire é hoje um nome europeu: crítico e poeta, legislou e pôs em obra as doutrinas da nova *pléiade*.

Van Hole, Hulurugh, Schatchlig em Alemanha, em França Leconte de Lisle e Barrilot, seguiram, exagerando-o ainda, o princípio do autor das Flores do Mal. O *satanismo* é hoje um facto literário europeu, um grande movimento. Pais bem, dizemos n'Us, È por isso mesmo que o devemos combater.

Ser uma grande tendência não quer dizer ser uma boa tendência. Uma escola não é um dogma; e se a poesia por toda a parte segue uma errada direcção, por toda a parte se deve levantar o conselho, a doutrina e o protesto,.

O *satanismo* pode dizer-se que é o *realismo* no mundo da poesia. ... a consciência moderna (a turva e agitada consciência do homem contemporâneo!) revendo-se no espectáculo das suas próprias misérias e abaixamentos, e extraindo dessa observação uma psicologia sinistra, toda de mal, contradição e frio desespero. ... o coração do homem torturado e desmoralizado, erigindo o seu estado em lei do Universo ...

É a poesia cantando, sobre as ruínas da consciência moderna, um *requiem* e um *dies irae* fatal e desolador!

Ora, francamente, será esta a missão da Poesia?

O seu ideal, isto é, a sua lei suprema, não ser, pelo contrário, consolar, moralizar, apontar o belo espiritual, a esperança e a crença? Que quer dizer a fria contracção da ironia, nos lábios da virgem feita para sorrir e cantar? A poesia não pode ser o grito da agonia: é a voz mais pura e mais íntima do coração: é mesmo nas vascas da morte, é sobretudo nas horas da provação, um hino, *carmen*. Não estará pois a nova escola, com todo o seu talento e originalidade poderosa, arrastando a Arte para um caminho de perdição, no fim do qual não pode estar senão a ruína do mundo moral e a morte da mesma poesia? Não ser comprometer os destinos da Musa fazê-la assim vestir trajos tão desvairados, apresentando-a num teatro tão estranho aos seus íntimos instintos, às suas aspirações, à sua tradição?

É o que firmemente acreditamos. O nosso amigo tem um espírito muito alto e muito esclarecido, para que não entre (passado o primeiro periodo de ardor, proprio das vocações verdadeiramente originais) no caminho eterno da grande poesia, o caminho largo, sereno e luminoso do Ideal. Com os seus belos dotes, o seu gosto, e a sua já hoje vasta instrução, prevemos-lhe então um grande futuro e prevemos à nossa Época um verdadeiro poeta.

A. Q.

A CARLOS BAUDELAIRE  
(Autor das Flores do Mal)

ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassível!  
Fino lábio a sorrir, sob um estranho olhar!  
Tua boca descreve o criminoso, o horrível,  
Enquanto a tua voz parece só cantar ...

Indiferente, vais como a desdém pisando  
Um chão de vício e horror,, com passo virginal.  
Na tua mão *gantée*, trazes, como brincando,  
Um sinistro *bouquet*, a negra *flor do mal*!

O tétrico - o que faz tremer dentro do peito  
O coração dos mais-, poeta, é para ti  
Só pretexto talvez dalgum feliz conceito,  
Um verso original, uma rima que ri ...

Dante do Boulevard, cantas o desespero,  
Ao som duma ária vã, como um fútil rondó ...  
Pintor, deixas-nos ver a alma escura de Nero,  
Com o *négligé* e a cor de Boucher ou Watteau ...

Essa frente de neve, esse crânio de gelo,  
Se os estalasse alguém veria, creio eu,  
Surgir estranho ser, Byron, Polichinelo,  
Confundidos num só, co'a face d'Asmodeu!  
É o mal com consciência, e tanta, e tão terrível,  
Que cai na afectação, nas frases *recocó* ...  
E esse olhar fixo e estranho e essa frente impassível:  
D'um frio mortal, pior que pranto e dó ...

Sim, descer onde tu descas – na Primavera  
Ver só o insecto vil, que rói a bela flor -  
(Em despeito do estilo e da rima severa)  
Não se faz sem sofrer ... tu conheces a dor!

Tu sabes o que é dor, ó sereno estilista!  
Sob o fraque do *dandy* há em ti, bem o vês,  
Um poeta, um leão, um demónio, que o artista  
Pode a custo conter, domar, calcar aos pés!

És o símbolo, tu, dum século fantasma,  
Tão sábio que é ateu, e já não quer chorar ...  
Que tem cãs sem ser velho, e que de nada pasma  
Olhando o mundo à luz do gás do Boulevard ...

Somos todos assim - um triste olhar que chora  
E encobre, chocarreira, a luneta do tom ...  
Um esqueleto frio e horrível – mas por fora  
*Irréprochablement* vestido à Benoiton!...

Paris: dia do enterro de Baudelaire: 7 de Setembro de 1867.  
[Antera de Quental]

## INTIMIDADE

Quando no Boulevard passas, e toda  
Essa gente te mira cobiçosa,  
És bela - e se te não comparo à rosa  
É que a rosa, bem vês, passou de moda ...

Anda-me às vezes a cabeça à roda  
Atrás de ti também, flor caprichosa!  
Nem pode haver, na multidão ruidosa,  
Coisa mais linda, mais absurda e douda

Mas é na intimidade e no segredo,  
Quando tu coras e sorris a medo,  
Que me apraz ver-te e que te adoro, flor!

E não te quero nunca tanto (ouve isto)  
Como quando por ti, por mim, por  
[Cristo,  
Juras – mentindo - que me tens amor ...

Paris -1867.  
[Antero de Quental]

## AS FLORES DO ASFALTO

As flores que nossa alma descuidada  
Colhe na mocidade com mão casta,  
São belas, sim: basta aspirá-las, basta  
Uma vez, fica a gente enfeitçada.

Nascem num prado ou riba sossegada,  
Sob um céu puro e luz serena e vasta:  
Têm fragância subtil, mas nunca  
[exausta,  
Falam d'Amor e Bem à alma enlevada...

Mas as flores nascidas sobre o asfalto  
Dessas ruas, no pó e entre o bulício,  
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que têm elas, que assim nos  
[endoidecem?  
Têm o que mais as almps apetezem ...  
Têm o aroma irritante e acre do Vício!

Paris -1867.  
[Antero de Quental]

## NOITES DE PRIMAVERA NO BOULEVARD

Quando em tardes d'Abril, à luz crepuscular,  
Saio de casa e vou buscando um pouco d'ar,  
Que tumulto na rua! e que inferno de gente,  
Que levam mil paixies, confusa, douda, ardente!  
É um mundo que sai, parece, das visões  
De Dante ou S. João, ruindo entre baldies  
Dum círculo infernal para outro mais profundo,  
E outro, e dez, e mil, buscando sempre o fundo!,  
E, em volta; a luz vibrante e vívida do gás  
Inunda a multidão, inimiga da paz!  
Sai desta confusão uma horrível poesia,  
Uma volúpia atroz, uma estranha magia,  
Que irrita, acende e -faz os sentidos arder.  
Exalação magnética, aromas de mulher,  
O contacto que excita, um fluido de desejos,  
E como que no ar um trocar-se de beijos,  
Sem destino e sem dono, ardentes e cruéis ...  
É o povo, outra vez, das antigas Babéis,

É Gomorra, outra vez, e o lago de Sodoma,  
E as Bacantes febris da desgrenhada Roma,  
Com mais força somente, e essa nova paixão  
Que sai do foco a arder da Civilização!  
Sim, há paixão ali, e vida, intensa vida  
Por, mil caminhos vãos espalhada e perdida,  
Mas magnética, activa e enchendo todo o ar  
Dum fluido de delírio, em vórtice a girar ...  
Em volta da cidade È como uma cintura  
De loucura e d'amor, sobre a extensão escura ...  
É outro o mundo ali! outra ideia! outro ser!  
O Bem, o Mal, não têm o aspecto que usam ter ...  
O vício é formosura.- o vício é poesia -,  
Parece a criação ter por lei a folia,  
E sentidos, e alma, e tudo, em confusão,  
Bradam: – “O Universo, é filho da paixão!  
Amai, vivei, clamai! rugi, se nos rugidos  
Há uma força mais, que levante sentidos!  
Se o Vício n.,o bastar, no Crime pode haver  
Magia e atracção e fonte de prazer!  
Em nós habita Deus!,- o mais, matéria morta!  
Que o mundo caia em volta e se alua, que importa?”

.....  
.....  
E lá de cima o céu, imenso e fundo, está  
Olhando, com olhar d'estrelas, para cá...  
Mas o mais triste, ó céu! ó astros! é que o abismo,  
Que tenho em torno a mim, é no que penso e cismo!  
A vertigem também minha alma me tomou ...  
Sinto o terrível fluido ... e vou, e vou, e vou ...  
E desejo e estremeço ... e o delírio parece  
Que me enche o coração, e a vida me endoidece!  
Sim! a Paixão governa e o Prazer é rei!  
O mundo é artifício! - e, incerto, nem já sei  
Se estes bicos de gás são realmente estrelas,  
Ou só bicos de gás essas esferas belas!

Paris: Abril de 1867.  
[Antero de Quental]